



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DAS MULHERES NA AGROECOLOGIA EM ALAGOAS.

Samara Farias dos Santos; Alessandra Keilla da Silva

Universidade Federal de Alagoas

samaraphilo@gmail.com alesskeilla@hotmail.com

Resumo: O presente artigo visa analisar os debates e as práticas propiciadas pelas mulheres na construção da agroecologia nos movimentos sociais do campo em Alagoas. Devido a marginalização e invisibilidade do trabalho da mulher no campo, o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) articuladas com outras organizações como MST, MPA, CPT, vem promovendo a discussão de gênero e a importância das mulheres no debate agroecológico. A agroecologia iniciou-se de uma corrente contracultura na década de 70, e vem sendo reconhecida como uma ciência integradora que incorpora e reelabora o conhecimento dos povos tradicionais. Como sujeitos políticos, as mulheres vem alinhando discurso e prática, através da auto-organização coletiva permitindo assim, o questionamento do modelo de agricultura convencional vigente. O pioneirismo feminino na construção da agroecologia culminou em transformações, tanto no planejamento produtivo, em sua autonomia política e econômica, quanto no protagonismo das mulheres em lideranças dos movimentos sociais do campo. Através de análise bibliográfica e coleta de relatos das mulheres que atuam nestes movimentos, foi possível concluir que para o empoderamento da mulher do campo, foram necessários trabalhos de base para potencializar as lideranças femininas, valorização e reconhecimento do seu trabalho. De forma autônoma essas mulheres visam através de seu trabalho promover práticas agroecológicas com objetivo primeiramente, atender as necessidades familiares de subsistência, e depois de comercializar o excedente de sua produção para a garantia de outros recursos.

Palavras-chave: Agroecologia, Mulher-Trabalho, Protagonismo feminino, Gênero, Movimentos Sociais do Campo.

Com as práticas de produção agroecológica sendo aplicada no dia a dia, as mulheres camponesas vêm construindo novas formas de se relacionar, melhorando a saúde e promovendo sua autonomia como mulher e enquanto sujeitos políticos.

Segundo Cardoso e Rodrigues, na experiência do trabalho familiar, a falta de problematizações das relações de papéis e de poder pelos membros da família, acaba contribuindo com a invisibilidade do trabalho das mulheres na construção da agroecologia. Na inserção de pautas como valorização do trabalho, independência financeira e

autonomia política são importantes para o reconhecimento dos seus saberes e o pioneirismo feminino na sua construção.

Nesta provocação enseja-se abordar alguns possíveis significados da agroecologia, no âmbito acadêmico, na formulação teórica do Movimento das Mulheres Camponesas e nas práticas que estão sendo desenvolvidas pelas camponesas inseridas no MMC no Estado de Alagoas, e trazer a discussão de que as práticas agroecológicas existem muito antes de existir o conceito em si, e mais, suscitar a discussão de que as mulheres foram as pioneiras na agroecologia.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Busca-se então, dar “voz” às

camponesas do MMC do Estado de Alagoas, trazendo as falas das mulheres através das entrevistas e pesquisas realizadas.

Metodologia

A metodologia foi elaborada através de pesquisas bibliográficas para a fomentação teórica e histórica da agroecologia, assim como a atuação do MMC. Para a complementação destas análises bibliográficas, foram coletadas entrevistas com o objetivo de refletir sobre este trabalho as perspectivas subjetivas das mulheres que contribuíram com tal pesquisa. Foram entrevistadas mulheres que atuam no Movimento de Mulheres Camponesas -

(MMC), e outros movimentos e independente mediante questionário, com o objetivo de permitir que as informações fossem mais ricas e que estabelecessem um diálogo entre nós, pesquisadoras e entrevistadas, as respostas das entrevistas foram gravadas em áudio. Na tabela 1, constam as informações gerais das mulheres. Foram entrevistadas 6 mulheres, no período de junho a novembro de 2018.

As entrevistas foram executadas em feiras agrocológicas e por meio de contatos indicados pelo MMC. Buscamos coletar os relatos das mulheres em vários assentamentos e de municípios diferentes, para melhor retratar como elas trabalham, discutem e disseminam a agroecologia no estado de Alagoas.

Imagem 1. Feira Orgânica da UFAL



Imagem 2. Dia de entrevista.





XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Tabela 1. Informações gerais das entrevistadas.

Nome/ Idade	Raça	Estado civil	Filhos	Ocupação:	Município/ Assentamento	Vínculos com os movimentos sociais
Aline Oliveira da Silva, 24 anos.	Negra	Solteira	Não	Graduanda em História, Apicultora.	Assentamento Lameirão, Delmiro Gouveia- AL.	MST, Juventude do MST.
Edcleide da Rocha Silva, 27 anos.	Indígena	Solteira	Não	Camponesa, Graduada Mestranda em Educação.	Assentamento Padre Emílio April/ Sítio Gordo, União dos Palmares- AL	MMC
Francielle Alves da Silva, 29 anos.	Parda	Solteira	Não	Graduanda em Psicologia.	Maceió- AL	MMC, MST, Mulheres Resistem
Maria Lucilene dos Santos, 55 anos.	Negra	Casada		Agricultora, Cordelista.	Assentamento Zumbi dos Palmares, Branquinha- AL	MMC, Associação de Produtoras da Zona da Mata
Maria Rita Rosa dos Santos,	Parda	Casada	Sim, uma	Agricultora.	Assentamento Dom Helder Câmara, Murici- AL	MMC, CPT, Sindicato de agricultura familiar, Associação do Assentamento Dom Helder
Silvaneide dos Santos	Negra	Casada	Não	Agricultora.	Assentamento Zumbi dos Palmares, Branquinha- AL.	Independente.
Vitória Paixão da Silva, 30 anos	Negra	Solteira		Historiadora, Poetisa, Educadora Social	Quilombo Serra Verde, Igaci- AL	MMC, AAGRA

AAGRA (Associação de Agricultores Alternativos); CPT (Comissão Pastoral da Terra) e MMC (Movimento de Mulheres Camponesas), MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

A agroecologia é vida, identidade, resistência e luta: da prática à conceituação acadêmica.

No âmbito popular, a agroecologia não se resume somente a técnicas para o desenvolvimento da agricultura, mas é também um espaço onde se pensa e debate política, identidade, gênero, saúde, igualdade e autonomia, espaço esse que dialoga tanto com a teoria quanto com a prática.

Para as camponesas Maria Rita e Edcleide a agroecologia é vida, identidade, resistência, luta e autonomia. Aline complementa, que a agroecologia é uma questão de princípio de vida, que dialoga entre as práticas agrícolas e a observação da natureza, promovendo assim uma responsabilidade social tanto com alimento que se produz, quanto com o meio ambiente.

A autonomia é conquistada de forma coletiva, a mesma se dá por meio das mulheres camponesas organizadas que coletivamente estudam, compreendem a complexidade da teia de relações construídas histórica e culturalmente e lutam pela a sua autonomia, tanto econômica, como autonomia sobre suas próprias vidas. De forma coletiva lutam pela transformação da sociedade.

A agroecologia vem de muito antes de sua conceituação, as práticas efetuadas de

desde o princípio da agricultura tem suas bases agroecológicas, hoje apenas trata-se da recuperação da herança agrícola destruída pela agricultura moderna (Hecht, 2002). O primeiro contato com a agroecologia, vem bem antes das mulheres conhecerem este termo, elas se aproximam destas pelo conhecimento prático passado de gerações em gerações, através da comunidade e de suas famílias. Sendo assim, o contato com os agrotóxicos e insumos agrícolas convencionais é mínimo ou até mesmo nunca se teve, pois, a agricultura praticada por estes obedece aos princípios agroecológicos desde o passado.

Enfrentando e superando desafios, reconstruindo e ressignificando a cultura e valores, como a entreajuda e a socialização de conhecimentos e saberes construídos historicamente, assim se constrói a agroecologia. Guzmán (2001, p.42) afirma que “[...] o enfoque agroecológico pretende ativar este potencial endógeno, gerando processos que deem lugar à novas respostas e/ou façam surgir as velhas (se estas são sustentáveis)”. Segundo Guzmán, o conhecimento que ele chama de endógeno, que é o conhecimento “de dentro” das comunidades camponesas é de fundamental importância no enfoque agroecológico, desde que o conhecimento endógeno dialogue com o conhecimento exógeno, ou seja, “de fora”



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

das comunidades camponesas. Tendo isso em vista, é possível então afirmar que o contexto local é determinante para a agroecologia, haja vista que não há como “impor um receituário” no enfoque agroecológico, a realidade concreta, a cultura alimentar, bem como os demais elementos culturais e o clima são fundamentais e precisam ser considerados.

A agricultura moderna surge após a segunda guerra mundial, em 1960 financiada por instituições internacionais agências das Organização das Nações Unidas - (ONU), centros de pesquisas e bancos de desenvolvimento, trazendo uma surpreendente elevação da produtividade, este processo ficou conhecido como Revolução Verde. No entanto, com o uso intensivo de fertilizantes químicos, agrotóxicos, e forte mecanização, com caráter positivista, reducionista (vale ressaltar também que o capitalismo foi um dos precursores dos agrotóxicos). A agricultura convencional trouxe grandes problemas sociais e ambientais principalmente nos países denominados de terceiro mundo. É neste cenário que surge a agroecologia, mas visto apenas como um movimento contra cultural em 1970, sendo denominada como agricultura alternativa, trazendo em suas pautas a reivindicação de produções mais sustentáveis. Para Susanna Hecht:

é uma abordagem agrícola que incorpora cuidados especiais relativos ao ambiente, assim como aos problemas sociais, enfocando não somente a produção, mas também a sustentabilidade ecológica do sistema de produção. (Hecht, 2002, p. 26)

Enquanto ciência traz para a sua construção o protagonismo dos agricultores, camponeses e indígenas, propondo assim um “diálogo de saberes” entre o conhecimento científico e o conhecimento popular. Altieri (1977) define a agroecologia como “as bases científicas para uma agricultura ecológica”. Sendo sua construção elaborada por bases transdisciplinares, onde há uma coevolução dos sistemas ecológicos e sistemas sociais com objetivo em comum de todas as disciplinas que a compõem. (Siliprandi, 2015). A agroecologia para sua conceituação, caminhou lado a lado com as lutas dos movimentos sociais, onde agricultoras e agricultores do mundo todo, tiveram suas organizações voltadas ao questionamento dos propósitos da revolução verde, sem terras reivindicavam seu direito à terra por meio de reformas agrárias, os povos indígenas lutam contra a destruição de suas bases econômicas fomentadas na produção familiar, e assim consolidou-se a construção de uma agricultura racional que com suas vertentes agronômicas, sociais e indígena/camponesa, se colocando



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

como uma alternativa para a sustentabilidade agrícola.

Portanto, a agroecologia vem com propostas que vão para além de meras metodologias e técnicas para o desenvolvimento da agricultura, pois questiona tanto as técnicas e métodos utilizados, quanto suas motivações para o aumento da produtividade e as formas de organização social, política e econômica dos sujeitos envolvidos. Sendo assim, seu caráter expressa propostas para a equidade de oportunidade para o acesso aos meios de vida, manutenção da biodiversidade, soberania alimentar, trazendo uma ruptura nos conceitos de desenvolvimento e produção do grande capital.

Pioneirismo feminino no desenvolvimento da agroecologia: o trabalho do campo tem dois sexos

Academicamente, Ana Primavesi¹ por ter sido uma das responsáveis pelos os avanços nos estudos sobre o manejo ecológico do solo e sua difusão, se tornou a pioneira da agroecologia no Brasil e na América Latina.

¹ Engenheira agrônoma brasileira, é uma das importantes pesquisadoras da agroecologia e da agricultura orgânica.

Por defender que o solo é um ser vivo, e que a própria vida das pessoas, é propiciada pela a vida do solo, Primavesi é a primeira mulher, no âmbito acadêmico, a ser reconhecida em um espaço extremamente dominado por homens. Porém, antes que a mesma fosse pioneira na agroecologia no contexto acadêmico, as camponesas já eram pioneiras praticando técnicas agroecológicas, sem mesmo saberem o que era a agroecologia em si.

Para falar em agroecologia é preciso primeiro ter noção da invisibilidade que as mulheres camponesas têm em todas as esferas, inclusive nos movimentos sociais do campo, apesar de que os movimentos sociais do campo estão buscando tornar visível essa realidade das mulheres camponesas. Portanto, é preciso da mesma forma, tocar no ponto das relações de trabalho, na esfera do trabalho produtivo e do trabalho reprodutivo, sendo que o primeiro é designado para os homens, enquanto o segundo é designado para as mulheres. Dito isto, aqui está um grande desafio, avançar tanto na valoração econômica do trabalho desempenhado pelas mulheres e valorização dos conhecimentos que as mesmas detêm.

A participação da mulher no meio da agricultura ainda hoje é marginalizada e tida como “ajuda” aos trabalhos masculinos, que diferente das mulheres, são considerados



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

“carros-chefes” da unidade produtiva. É nesse sentido, que surge a necessidade de dedicar esforços no intuito de mudar a realidade vivenciada pela as mulheres camponesas, pois os dados de produção de alimentos feito por as mesmas comprovam que elas estão dando vida à agroecologia, produzindo tanto quanto os homens e isso precisa ser valorizado. Quando analisado a produção de alimentos feita pelas mulheres ao redor do mundo, León (2004) apresenta dados reveladores:

Na África Subsaariana e no Caribe, as mulheres produzem entre 60 e 80% dos alimentos básicos. Na Ásia, as mulheres fazem mais do que 50% do trabalho relacionado com o cultivo do arroz. No sudeste da Ásia, Pacífico e América Latina, as hortas cultivadas por mulheres estão entre os sistemas agrícolas mais complexos que se tem conhecimento. As mulheres são evidentemente agricultoras e as cultivadoras que tem uma contribuição substancial para a conservação e gestão geral dos recursos fitogenéticos para alimentação e agricultura

(LÉON, 2004, p. 222, tradução nossa)²

O pioneirismo feminino se dá principalmente pela relação das mulheres com a natureza, pelo cuidado e preocupação com a soberania alimentar e saúde de sua família, em todas as entrevistas quando as mulheres eram perguntadas do porquê trabalhar de forma agroecológica, suas respostas têm algo em comum, a sua semelhança com a natureza pois esta gera vida como as mulheres.

Em seus quintais elas começam a produção de hortas, pomares e animais para o consumo familiar, cultivando hortaliças, legumes, frutíferas e plantas medicinais, despertando assim o interesse de seus maridos pela forma que cultivam e a produção que elas obtêm. Quando o excedente é por elas vendido em pequenas feiras organizadas pelas mulheres das comunidades, trazem valorização do trabalho que antes, sem reconhecimento, não se dava a devida importância. E com isso, a jornada de trabalho da mulher que antes era sobrecarregada, hoje passa a ser dividido entre a família, cada

² “El África subsahariana y en el Caribe, las mujeres producen entre el 60 y 80% de los productos alimenticios de base. En Asia, las mujeres realizan más de 50% de los trabajos relacionados a los cultivos de arroz. En el sudeste asiático, el Pacífico y América Latina, los huertos cultivados por mujeres figuran entre los sistemas agrícolas más complejos que se hayan conocido. Las mujeres son de toda evidencia agricultoras a parte entera, y las cultivadoras aportan una contribución substancial en la conservación y la gestión general de los recursos fitogenéticos para alimentación y la agricultura” (LEÓN, 2004, p. 222).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres Rurais do Campo

membro fica responsável por uma tarefa. Sendo característico das famílias que têm sua produção baseadas nas premissas agroecológicas, a coletividade é ressaltada pelas agricultoras em suas falas, retratando esta mudança nos paradigmas do campo com relação a divisão do trabalho.

Sem feminismo não há agroecologia: A luta pela autonomia e independência.

O Movimento de Mulheres Camponesas nasceu em 1980, em meio a um grande surgimento de movimentos no campo, motivadas por sua principal bandeira de luta como reconhecimento do trabalho das trabalhadoras rurais, desencadeou-se assim, outras pautas, como sindicalização, direitos previdenciários, participação política, libertação da mulher etc. Em 1995, cria-se assim a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, com o objetivo de mobilizar as mulheres de outros movimentos (Movimentos Autônomos, Comissão Pastoral da Terra – CPT, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, Pastoral da Juventude Rural - PJR, Movimento dos Atingidos pelas Barragens – MAB, alguns Sindicatos de Trabalhadores Rurais e, no último período, o Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA).

A principal característica para a articulação das mulheres nos debates

propiciados pelo MMC, é o tema agroecologia. Devido a prática ser intrínseca a vidas das agricultoras, abre-se espaço para permear temas como questões de gênero, autonomia, protagonismo, questões salariais, divisão justa dos trabalhos domésticos e saúde. Outra característica, da articulação das mulheres pelo MMC, é a discussão sobre o feminismo camponês e popular, que como vertente do feminismo traz pautas baseadas no cotidiano da vida das mulheres do campo. Jalil (2009) afirma, que em sua condição de movimento feminista, o MMC articula a luta contra o patriarcado dentro das forças sociais contra-hegemônicas.

Com o alinhamento com outros movimentos sociais, o MMC consegue também adentrá-los dialogando com estes e provocando desconstruções. O MST, enquanto movimento rural também traz enfoque nas discussões de gênero, por entender a importância do debate entre as mulheres, vem assim, promovendo cursos sobre feminismo, para trabalhar com mais ênfases nos conceitos e nas práticas cotidianas destas.

Compreendendo que o feminismo tem sua pluralidade, e tendo em vista que há várias formas de organização e de se pensar feminista, as mulheres entrevistadas se identificam como feministas. Para Aline, não se pode seguir os princípios agroecológicos



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

sem o feminismo, pois o feminismo é um dos princípios da agroecologia.

Na busca pela autonomia, as mulheres enfrentam barreiras impostas pelo machismo, seja no seio familiar, com impedimento de tomadas de decisões financeiras, negação de sua liberdade e seu direito pela terra onde produz, ou até mesmo na comunidade onde por diversas vezes são proibidas de participar e ter voz e voto nas deliberações de sindicatos, associações e cooperativas. Para isto, elas travam lutas para mostrar sua capacidade organizativa e para a valorização do seu trabalho na comunidade e no lar. Com a entrada do MMC foram possíveis a construção de espaços em que as mulheres puderam se auto-organizar para realizações de feiras, segundo Maria Lucilene, do assentamento Zumbi dos Palmares, que diz o seguinte:

“Outros movimentos já haviam entrado no assentamento, onde até às vezes até enganavam, e atravessadores que entravam no assentamento pra levar a produção... tudo isso machucava, né!? E a gente via que sobrava só pra mulher... mas aí a gente começamos a formar uma feira, onde iam pra feira levavam aquelas coisas a gente dizia assim, aquilo que sobra, porque era o que elas tinham direito de vender... aquele pouco que ia

sobrando que ia ficando ali quando os homens não queriam mais, elas ia formando a feira... E aí alegria minha um dia uma mulher disse assim, hoje eu tenho o dinheiro...” (Lucilene, 2018).

Com a chegada do MMC e por propiciar debates sobre gênero, autonomia, agroecologia e saúde, as mulheres, de forma organizada e coletiva, vêm construindo a agroecologia, e de alguma forma recuperando sua identidade, a qual foi esmagada pelo o capitalismo e patriarcado, dois grandes responsáveis pela a opressão e subordinação das mulheres. Portanto, como nos bem lembra Siliprandi (2015, p.335): “A agroecologia não cumprirá seus propósitos de ser uma teoria e um modelo para a ação emancipatória dos camponeses se não se ocupar também, teórica e praticamente, do enfrentamento às questões subordinação das mulheres agricultoras”.

Tendo isso em vista, é possível afirmar que não se faz agroecologia deixando de debater esses assuntos, que permite o enfrentamento ao machismo, a desconstrução dos papéis impostos pelo patriarcado, resultando de forma gradativa na valorização do trabalho feminino no campo, aquisição de direitos previdenciários e a condição de proprietárias da terra, imposição da mulheres frente à violência e emancipação social e econômica.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Siliprandi (2007) nos afirma que o

debate sobre agricultura familiar e gênero tem avançado bastante nos últimos anos, com enfoque tanto na invisibilidade do trabalho feminino nas atividades produtivas e reprodutivas, como nos cenários que se abrem para as mulheres com o avanço cada vez maior das atividades não agrícolas como provedoras de renda no meio rural. Todavia, ainda permanecem questões em aberto, e merecem uma reflexão acerca disso, como por exemplo, quando nos perguntamos o lugar das mulheres nas propostas agroecológicas e as concepções de emancipação vinculadas a essas atividades. (SILIPRANDI, 2007).

No assentamento Padre Emílio April, é composto por aproximadamente de 60 famílias e atualmente têm 38 associados, onde 35 são representações femininas, reflexo da formação do assentamento que teve em seu processo de reivindicação como principal organizadora, Alaíde Ribeiro, uma mulher que através da força feminina formou a associação e que junto as/os atuais agricultoras e agricultores obtiveram pela reforma agrária as terras do assentamento. Edcleide afirma, que o gerenciamento da economia familiar, desde a produção até a comercialização são geridos pelas mulheres.

Maria Rita afirma, *“até hoje tem homens que não me suporta...”* isto devido sua atuação de liderança na comunidade, ela é

coordenadora do MMC, através seu trabalho tornar-se um sujeito político, Dona Rita está sempre presente nos eventos que propiciam o debate sobre a agroecologia nos sindicatos, nas universidades ou até em reuniões e seminários propiciados pelo MMC em todo o Brasil e na América Latina, desta forma ela se torna uma referência para as mulheres ao seu redor, mostrando que elas podem contribuir para a construção da agroecologia e ter seu trabalho e saberes valorizados.

Na academia Edcleide e Franciele, conseguem introduzir em sua vida acadêmica o estudo da agroecologia e de emancipação das mulheres no campo. Vitória Paixão, educadora social também com seu trabalho procura levar através da educação o debate e construção do conhecimento agroecológico, e através da poesia usa as palavras para empoderar as mulheres em sua volta. Silvaneide, mesmo sendo uma agricultora que não se vincula a nenhum movimento social, participa assiduamente das reuniões do MMC, e afirma que a partir destas reuniões consegue desenvolver atividades junto às mulheres, como trazer renda para sua casa por meio das feiras agroecológicas nas quais ela participa.

De modo geral, essas mulheres ocupam espaços distintos, com dinâmicas diversas, elas impactam e são impactadas pelas mudanças que são proporcionadas pela agroecologia. As mulheres em coletividade,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

avançam na edificação da agroecologia com seus papéis e posições distintas na sociedade são as protagonistas da destruição dos paradigmas vigentes, e são as principais reivindicadoras das mudanças em nossa sociedade.

Laeticia Fisher salienta,

Considera-se que o protagonismo da mulher na sociedade atual traz à reflexão sua condição de sujeito e sinaliza para a construção de uma ideologia em que novos valores emergem do meio social, influenciando a relação de gênero. E, ainda, a prática política das mulheres nos movimentos sociais, em particular, na luta pela terra, constitui oportunidade de educação política e orientação, elementos que podem contribuir para promover sua autodeterminação na medida em que viabilizam novas formas de consciência e a crítica às regras impostas pela dominação masculina. (FISHER, 2006, p.88).

Dado o exposto, o feminismo é um fator crucial para que estas quebras de preceitos aconteçam, quando dentro do feminismo abre-se uma vertente camponesa e popular, que entende as pautas reivindicatórias das mulheres camponesas, e assim elas

chegam a se identificar com o feminismo. As mulheres assim, conseguem transpor barreiras e empoderar-se e levam o empoderamento a suas companheiras de classe, se sentem reconhecidas e participantes da luta e de forma revolucionária conquistam sua autonomia.

Considerações Finais

Nesse artigo, foi possível evidenciar alguns conceitos da agroecologia tanto no âmbito acadêmico, quanto na formulação teórica do Movimento de Mulheres Camponesas e nas práticas que estão sendo desenvolvidas pelas as camponesas do estado de Alagoas.

Este estudo também mostrou embasado por pesquisa participativa na qual as camponesas são as protagonistas, que através das experiências dessas mulheres e suas famílias é possível construir uma agricultura agroecológica. Nos relatos das camponesas entrevistadas, percebe-se que os caminhos da libertação se dão por meio de estudo, diálogo, observação e reconstruções diárias a partir dos erros e acertos.

É possível afirmar que há avanços significativos na compreensão das mulheres em relação à divisão sexual do trabalho, e isso só foi possível com a formação do MMC que



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

foi fundamental na concepção das camponesas sobre como elaborar processos de mudanças a partir de suas realidades locais, mostrando a agroecologia como ferramenta metodológica.

Conclui-se, portanto, que para o empoderamento da mulher do campo, foram necessários trabalhos de base para potencializar as lideranças femininas, valorização e reconhecimento do seu trabalho.

Referências

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. Guaíba: Agropecuária, 2002.

CADOSO, Elizabeth Maria; RODRIGUES Vanessa Schottz. *Mulheres construindo a agroecologia no Brasil*. Revista *Agriculturas: Experiências em agroecologia*, v.6, n.4. Rio de Janeiro, 2009.

GUZMÁN, Eduardo Servilla. *Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia: Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*. Porto Alegre, v. 2, n. 1, jan./mar. 2001.

FISHER, Isaura Rufino. *O protagonismo da mulher rural no contexto de dominação*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco-Massangana, 2006.

HECHT, Susanna. A evolução do pensamento agroecológico. In: ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: bases científicas para uma*

agricultura sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002. p. 21-52.

JALIL, Laeticia. *Soberania Alimentar, feminismo e ação política: um olhar sobre as ações do Movimento de Mulheres Camponesas*. Revista *Agriculturas: Experiências em agroecologia*, v.6, n.4. Rio de Janeiro, 2009.

LÉON, Irene. De mujeres, vida y semillas. In: CARVALHO, Horacio Martins (Org.) *Semillas: patrimonio del pueblo al servicio de la humanidad*. Quito: Coordinadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo - CLOC, de 2004.

SILIPRANDI, Emma. *O processo de organização das mulheres dentro da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) no Brasil*. In: Congresso Brasileiro de Agroecologia, 6, 2007, Curitiba. Resumos... Porto Alegre: Resumos do VI Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2009, v. 4, n. 1, p. 440.

SILIPRANDI, Emma. *Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

Movimento de Mulheres Camponesas (MMC).

<http://www.mmcbrasil.com.br/site/node/44>

Acesso em: 01 de novembro de 2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

Fontes Orais

SANTOS, M. L. Entrevista concedida a Alessandra Keilla da Silva e Samara Farias dos Santos. UFAL, Maceió, 12 de setembro de 2018.

SANTOS, M. R. R. Entrevista concedida a Alessandra Keilla da Silva e Samara Farias dos Santos. UFAL, Maceió, 02 de novembro de 2018.

SANTOS, S. Entrevista concedida a Alessandra Keilla da Silva e Samara Farias dos Santos. UFAL, Maceió, 10 de outubro de 2018.

SILVA, A. O. Entrevista concedida a Alessandra Keilla da Silva e Samara Farias dos Santos. UFAL, Maceió, 02 de novembro de 2018.

SILVA, E. R. Entrevista concedida a Alessandra Keilla da Silva e Samara Farias dos Santos. UFAL, Maceió, 12 de setembro de 2018.

SILVA, F. A. Entrevista concedida a Alessandra Keilla da Silva e Samara Farias dos Santos. UFAL, Maceió, 05 de novembro de 2018.

SILVA, V. P. Entrevista concedida a Alessandra Keilla da Silva e Samara Farias dos Santos. UFAL, Maceió, 05 de novembro de 2018.